

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



FERREIRA, David Mourão- (Lisboa 1927- Lisboa 1996)

O autor de *Órfico ofício* (poesia, 1978) tem vasta obra de poeta e de ficcionista, de dramaturgo, de ensaísta e de crítico, de cronista e tradutor de poesia, a par de uma carreira de ilustre e respeitado professor na Faculdade de Letras de Lisboa (escola em que se licenciou em 1951), sendo de sua responsabilidade a criação da disciplina de Teoria da Literatura (1958). Desempenhou funções de direcção e colaboração intensa em revistas como *Távola Redonda* (1950-1954), *Graal* (1956-1957), *Seara Nova*, *Diário Popular* (1954-1957), entre outras. Foi Secretário Geral da Sociedade Portuguesa de Autores (1965-1974), director do jornal *A Capital* (1974-1975), Secretário de Estado da Cultura (1976-1979), presidente da Associação Portuguesa de Escritores (1984-1986), director do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian (1981-1996) e, na mesma Fundação, director da revista *Colóquio-Letras* (1984-1996). Estes elementos (e outros, repertoriados na bibliografia sobre a sua obra) dão já a ver que se trata de uma personalidade deste cedo afirmada como activa e interventiva: a par da obra como escritor e crítico, participou em variadas instâncias da vida cívica e intelectual, assumindo responsabilidades que mostram as suas múltiplas facetas. A carreira de professor universitário, o ensaísmo e a crítica mostram o *scholar* informadíssimo, pouco preocupado com a carreira ortodoxa: não fez nunca doutoramento – mas os seus volumes de crítica e de ensaio são superlativa prova de um profícuo, bem informado e tenaz rigor, como foi reconhecido pela Universidade, que lhe concedeu o estatuto de professor catedrático convidado em 1990. Bem o reconheceram as muitas gerações de alunos que beneficiaram do seu magistério exemplar entre 1957 e 1963, e de 1970 até ao fim da vida.

O seu percurso na crítica e no ensaio dá os primeiros passos quando ainda era aluno do Colégio Moderno, em 1942 (muito precocemente, portanto), ganhando crescente corpo e consistência a partir dos anos finais da década de quarenta, sem nunca abrandar. Sirva de síntese o prefácio datado de 1959 do volume *Vinte poetas contemporâneos* (1960, 2ª ed. revista e ampliada 1979), constituído em parte por artigos que publicara no *Diário Popular*: nesse antelóquio interroga os limites do exercício crítico na imprensa, e estabelece como balizas “a síntese” e a “análise” dos textos, seguindo a lição de Curtius, Croce, Dámaso Alonso, Spitzer e outros autores (como os formalistas russos e Ingarden) para fundamentar uma prática regida por uma concepção um rigor metodológico vindo da estilística, mas que se vai mantendo sempre actual. O contexto histórico, que considera indispensável para a compreensão das obras estudadas, alia-se à necessidade de o



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

trabalho crítico “profundamente conhecer a norma linguística, os aspectos gerais da linguagem” para bem “compreender e valorizar o emprego específico que deles empreenda o criador, o poeta” (p.19). Neste prefácio de 1959, seminal para questões patentes em toda a ensaística, afirma o peso que entende ser obrigatório dar à tradição (mormente a nacional mas nela não se fechando), tanto de autores como de questões estruturais e formais, sintetizados na “consideração diacrónica da estrutura e do género”, de temas e motivos, de mitos e arquétipos, de “conexões da obra com a vida social, a história cultural, a música, as artes plásticas” (p.20). A historicidade do literário é um princípio da maior importância já neste prefácio de 59; por sua vez, mantém em 1979 (data da segunda edição do livro de 1960) juízos porventura menos acertados que emitira, olhando-os na perspectiva de que o “rio de Heraclito também atravessa os campos da crítica” (p.25) – numa rara atitude de humildade e de coerência.

Neste volume inclui-se o verbete (recolhido em *Motim literário - Ensaio, crítica, polémica*, 1962) “Lirismo”, datado de 1949 – quando David tem vinte e dois anos -, no qual define este modo do literário em termos que seguem Paul Valéry: “Lirismo – desenvolvimento de uma exclamação: atitude de quem se espanta, se admira ou repara – perante ou em uma - qualquer circunstância, e tende logo a isolá-la, a torná-la independente e memorável.” (p.79), de acordo com o que designa como “processo” (p.81). Eis princípios metodológicos que sempre seguirá: ao conhecimento empírico e imediatista terá que acrescentar-se o estudo, erguendo o monumento de pedra que Horácio propugnara para o sentido de memória e de historicidade que a literatura e as artes implicam, e a que a crítica dá corpo esclarecido. Fá-lo-á, nomeadamente, como aduz ainda, considerando que “as grandes épocas do lirismo”, num quadro historicista de matriz clássica, “são aquelas em que se consegue o *equilíbrio*, a coerência ou proporção, entre os motivos e a técnica, entre os temas e as formas”, atingindo a “*correspondência harmoniosa*” entre os “elementos” (pp.81-82; *itálicos do texto*). Em 1949 Mourão-Ferreira enuncia nestes termos a sua rigorosa concepção de lirismo, evidente tanto no conjunto da sua prática crítica como na sua multimoda obra literária. Em tudo segue estes apolíneos princípios, lembrando-se da tradição mas inventando a partir dela uma voz própria, burilada ao longo dos anos mas sempre próxima destas matrizes. O largo e actualizado conhecimento de outras literaturas e de matrizes teóricas do seu pensamento, visível desde os anos quarenta, articula-se na perfeição, por exemplo, na *Távola Redonda*, “folhas de poesia” que dirigiu com António Manuel Couto Viana e Luís de Macedo (1950-1954), tanto em textos de teorização e de crítica quanto na colaboração poética, devendo lembrar-se que esta publicação deu lugar a nomes já firmados e a outros que então começam, entre os quais Alberto de Lacerda (secretário da revista), Sebastião da Gama, Fernanda Botelho e outros mais.

Tais práticas de abertura manifestam-se ainda no muito importante papel que desempenhou na divulgação de poesia em vários programas de televisão, destacando-se *Imagens da poesia europeia* (1969-1974), amplo panorama de textos e autores que traduziu a partir dos finais da década de quarenta, hoje acessíveis nos memoráveis números 163, 164 e 165 de *Colóquio-Letras* (2003). Traduziu “de Homero a Ibn Al Sâbûni” (nº163), “da ‘Cantilena de Santa Eulália’ a G.G.Byron” (nº164), “de Charles Baudelaire a Tomás Segovia” (nº165). Fez traduções-(por fontes directas ou em segunda mão) do grego e do latim, do anglo-saxão e do árabe, do hebraico, do francês antigo e moderno, do castelhano e do catalão, do inglês, das línguas nórdicas



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

e germânicas, do russo. O que tal empresa mostra é não apenas o eclectismo de leituras e a trans-historicidade das referências, mas também um rigoroso percurso crítico, permitindo uma selecção a partir de fontes que advêm de uma pesquisa continuada e da afirmação de um gosto seguro. Inscreve-se além disso numa linhagem de tradutores e na problematização do que seja traduzir, repercutindo-se em ensaios seus sobre poetas e ficcionistas muito variados. Por exemplo, o conhecido poema de Adriano “*Animula vagula blandula*”, verte-o David Mourão-Ferreira como “Alma minha, brandinha, vagabunda,/ do corpo acompanhante e moradora,/ (...)” (*Colóquio-Letras* nº163, p.154), o que interessa considerar tanto pelo aceno ao soneto de Camões “Alma minha gentil, que te partiste”, como pela referência a *Mémoires d’Hadrien* de Marguerite Yourcenar (1951) – autora que estudará no livrinho de 1988 *Marguerite Yourcenar: Retrato de uma voz*. O ponto nodal a fixar é o da circulação do sentido, das fontes e do saber de David Mourão-Ferreira crítico, tradutor e omnívoro leitor, juntando-se-lhe a “correspondência harmoniosa” a que já se fez alusão entre temas e motivos que perduram, como a *vanitas*, a temporalidade, a morte e os afectos, consolidando uma meditação sobre o humano que não cessará de buscar. O propósito antológico, segui-lo-á também em outros lugares, nomeadamente nos três volumes da série *Portugal – A terra e o homem – Antologia de textos de escritores do século XX* (1979, em seu nome próprio; 1980 e 1981, com Maria Alzira Seixo). É notável, para aquele tempo, a escolha criteriosa e muito aberta de autores e dos seus textos, sempre apresentados por sucintas e claríssimas notas biobibliográficas, constituindo um alfofre de pistas que o leitor de hoje seguirá com proveito.

No impecável rigor que se manifesta na autocrítica, Mourão-Ferreira não hesita em se rever e se avaliar, num gesto que se manifesta com clareza em vários prefácios aos volumes de ensaio. É o caso da “Nota para a 2ª edição de *Vinte poetas contemporâneos*”, de 1979 (1ªed.1960), ou o da “Nota prévia” de 1991 a *Tópicos recuperados: sobre a crítica e outros ensaios* (1992), volume que recupera não só *Tópicos de crítica e de história literária* (1969), como ensaios de *Motim literário* (1962), de *Sobre viventes* (1976) e de *Lâmpadas no escuro* (1979), aos quais acrescenta “mais dois” textos “até à data inéditos em livro”. São eles “Para uma teoria dos géneros literários”, datado de 1948 (quando tem apenas vinte e um anos; publicado na *Seara Nova*, 1950), e “Comparatismo e extraterritorialidade: Valéry Larbaud”, de 89. Neste arco temporal, pondo a par textos de juventude e de maturidade, uma vez ainda se descortina o modo orgânico que caracteriza um pensamento capaz de se olhar criticamente como um processo, naquela “visão poligonal da literatura” (título do ensaio de 1963, colhido na visão da História de Herculano) e de si mesmo que transversalmente percorre o seu ofício. Anote-se que em muitas ocasiões o sujeito textual em primeira pessoa se manifesta, declinando cambiantes do efeito na sua formação e no seu gosto dos autores a que dedica atenção, sem que tal implique o mínimo deslize no rigor da análise que empreende.

Sintomático deste mesmo modo de conceber a crítica é, em *Tópicos recuperados*, “António Sérgio, crítico literário”, juntando peças de 1962 e 1975, no qual a própria extensão dos trechos citados conduz até aos ensaios coligidos nos vários volumes sergianos, de tal modo David os apresenta cheios de interesse no modo como são formuladas as questões e nos conceitos que vão sendo explanados (v.g., a recusa do biografismo). Os pontos inicial e terminal desta inquirição dos passos de Sérgio como crítico literário questionam em primeira pessoa se Mourão-Ferreira será ou não seu discípulo, desenhando um auto-retrato afinal próximo



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

daquele pensador – independência e “seduções de *l'école buissonnière*” (p.55), princípio aparentemente dispersivo, mas afinal recentrador, num disciplinado movimento centrípeto que reconduz os raios traçados ao núcleo principal e unificador: das margens se retorna ao “mesmo tecto” (*Sob o mesmo tecto*, 1989), à casa comum de um pensar também escorado em António Sérgio. Trata-se daquele que esteve “sempre *contra todos*” - “todos” sendo os “sistemas”, “os regimes”, as “repressões” e “perseguições” que se abatam sobre “poetas e romancistas, cientistas e pensadores” (p.57), resume David, segundo o qual o autor dos *Ensaio*s “[se] tornou (...) num dos maiores, se não no maior, dos prosadores de ideias com que conta a nossa história literária” (p.59).

Falou-se já da perspectiva “poligonal” e abrangente da obra crítica do autor de *Hospital das Letras* (1966, 2ª ed. 1982), questão bem presente nesse volume. Aproveite-se para observar a feliz escolha de títulos para os sucessivos livros, estendendo-se também à ensaística, em certos casos inscrevendo-se desde esses pórticos a vénia à tradição: se *Motim literário* (1962) vem de um porventura inesperado José Agostinho de Macedo, *Hospital das letras* cita a obra epónima de D. Francisco Manuel de Melo, tanto no título como nas epígrafes apostas a cada uma das aberturas de secção (sete, ao todo; poderá passar em branco tal estrutura, pois que o índice dela não dá conta). Na sétima e última delas, lê-se este trecho da obra de 1657 que Mourão-Ferreira evoca: “É necessário que se despejem os ouvidos dos viventes, como se despejam os olhos da ocupação que lhes tem feito o nome e fama dos famosos passados, para que se vejam ou ouçam e estimem os nomes e famas dos presentes.” (da “53ª fala de Lípsio”, p.81, ed.1982). Em termos de conceito histórico-literário, por um lado, postula-se a articulação entre passado e presente, sendo a linhagem um esteio indispensável para situar a leitura; mas por outro lado desenha-se aqui uma linha entre este livro e, nele, o vulto de D. Francisco Manuel de Melo, e o volume que virá a ser editado em 1976 – *Sobre viventes*, compilação de ensaios, vários deles “escritos em 1975. Mais propriamente ainda: depois de 11 de Março, antes de 25 de Novembro de 1975” (como explicita a curta e incisiva “Nota prévia” da página 11, que devem ler quantos queiram saber o posicionamento político de David Mourão-Ferreira nessa época pós-Revolução). Inscrição na História, pois, confronto com o real, consciência aguda de que para lá das circunstâncias está a permanência da arte literária e do seu estudo – os “viventes” resistem e persistem.

Regressemos, porém, a *Hospital das Letras*: a abrir a secção I lê-se um capítulo da tese de licenciatura de 1951 sobre Sá de Miranda, seguindo-se-lhe textos sobre o poeta barroco Francisco de Vasconcelos e sobre João Xavier de Matos (ambos de 1964), e mais um sobre Bocage (1965). Em II reúnem-se dois notabilíssimos artigos de 1962 e 1955 sobre Garrett, e, sob o título “Notas sobre Cesário Verde”, encontram-se cinco artigos, respectivamente de 1955, 1954, 1949, 1967 e 1955 – todos eles essenciais peças críticas, sendo o de 1949 (“Da cidade para o campo”) central na bibliografia sobre o poeta de “Cristalizações”. Se se verificar a idade que o ensaísta tinha à data de publicação destes artigos hoje absolutamente clássicos, maior ainda se torna o seu lugar no panteão das letras portuguesas, também como crítico literário. Neste volume se lêem, datados dos anos sessenta de novecentos, além dos já mencionados, ensaios sobre *Orpheu*, sobre Pessoa e Sá-Carneiro; um deles constitui-se como outra pedra angular do percurso crítico deste autor: trata-se de “Ícaro e Dédalo: Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa” (publicado na *Colóquio* em 1964), texto de uma



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

“conferência proferida no Teatro Nacional de D.Maria II (...), durante uma das Tardes Poéticas organizadas por Amélia Rey-Colaço e Natércia Freire”, em Fevereiro de 1963 (p.218). Determinante para a crítica do Modernismo e para a relação entre Pessoa e Sá-Carneiro, este texto de 63 entra em espelho com outro que David viria a publicar no nº117-118 de *Colóquio-Letras*, de 1990, dedicado ao centenário de Mário de Sá-Carneiro: “O voo de Ícaro a partir de Cesário” (pp.204-212). Nesta dupla face dos estudos davidianos sobre Sá-Carneiro fica patente, por um lado, o gesto característico de regressar a tópicos e a autores que tem por farol, e por outro a renovação que sempre teve em mente do seu próprio percurso de ensaísta, ressaltando aqui exemplarmente – a vinte e sete anos de distância - o que é comum à sua obra neste domínio: nada envelhece, tudo se renova e aprofunda, num *continuum* crítico em que quem lê se defronta com a evidência de um rigor sem mácula nos textos da década de sessenta como nos que escreveu no dealbar dos anos noventa. Na mesma secção de *Hospital das letras* encontram-se ainda dois artigos, também de meados de sessenta e igualmente relevantes, sobre Almada Negreiros, autor a que regressará noutras ocasiões, e dois estudos sobre os brasileiros Cecília Meireles (1975) e Vinícius de Moraes (1956) – numa das secções deste último faz-se um “Paralelo com Verlaine – Poesia e fonética” (pp.169-173), análise técnica muito apurada, e demonstração do comparatismo que, antes de essa designação se ver consagrada, David Mourão-Ferreira sempre praticou com altos resultados. A fechar o livro, na secção VII reúnem-se ensaios dos anos sessenta sobre autores contemporâneos (Cabral do Nascimento, José Osório de Oliveira, Tomaz de Figueiredo, Pedro Homem de Mello, Carlos Queiroz - “herdeiro do simbolismo”, e Natércia Freire). Em suma, *Hospital das letras* é um livro-farol na obra do seu autor e na história da crítica em Portugal – sabedor, rigoroso, inovador, de brilhante e primorosa escrita.

No campo dos estudos sobre o Modernismo, mormente sobre *Orpheu*, Fernando Pessoa e Sá-Carneiro ou Almada Negreiros, é indispensável considerar ainda as peças reunidas em *Nos passos de Pessoa* (1988). Manuela Parreira da Silva deu pormenorizada atenção a este volume (*Colóquio-Letras* nº145-146, 1997), sublinhando que “o facto de ser especialista da Literatura e da Cultura (...) permite-lhe lê-lo [a Pessoa] de uma forma ímpar. O seu Pessoa nunca surge isolado – é o elo de uma cadeia, um fixador de instantes” (p.367), acentuando as questões da linhagem e da representação do tempo. Em Fernando Pessoa, com efeito, destaca-se segundo David o elo que vai dos quinhentistas a Garrett e a Antero, tanto no que respeita a temas e motivos como a metros e demais vertentes técnicas. Se a tal juntarmos, como faz o crítico, os laços de Pessoa com poetas ingleses e outros, veremos como a sua perspectiva do maior de entre os de *Orpheu* é “poligonal”, aberta mas integradora. Vale lembrar o breve prefácio para a primeira edição em volume da correspondência de Pessoa com Ophélia Queiroz (*Cartas de amor de Fernando Pessoa*, 1978), no qual se lembra a *Homenagem a Fernando Pessoa* de Carlos Queiroz (1936), por três razões: primeiro, a lembrança de Carlos Queiroz, a cuja obra Mourão-Ferreira faz justiça em ensaios seus; segundo, porque foi por intermédio do autor de *Desaparecido* que o acervo de cartas chegou ao nosso ensaísta e editor; enfim, pelo rigor filológico do critério usado (“Por se tratar de uma primeira edição, respeitou-se escrupulosamente a grafia original (...); respeitou-se também o modo bem pouco uniforme como Fernando Pessoa datava as suas cartas; (...)”, p.9). É um gesto pioneiro que se sabe não consensual, como certas reacções vieram a dizer,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

fundado no genuíno interesse por tudo o que pudesse complementar a complexidade pessoana, olhando-a com uma lâmpada no escuro (glosando o título do volume de 1979). O conhecimento da obra do poeta de “Tabacaria” manifesta-se ainda na antologia *O rosto e as máscaras – Textos escolhidos em verso e prosa* (antologia cronológica, organizada e prefaciada por David Mourão-Ferreira, 1976, 2ªed. 1979), propondo uma leitura enquadrada na tradição em que se inscreve o universo Pessoa – o decadentismo e o simbolismo, o saudosismo d’*A águia*, etc, tudo revertendo para aquela matriz de unidade e diversidade que Jacinto do Prado Coelho estudara, em mais um aceno ao conceito de polígono que, como estamos vendo, é uma das linhas constantes do trabalho crítico de Mourão-Ferreira.

Não menos relevantes são os ensaios sobre a revista *presença* e em especial sobre José Régio, concentrados em *Presença da “presença”* (1977). David, também ele mentor de revistas como *Távola Redonda*, colaborador de vários periódicos e de diversas outras publicações, mostra uma relação nem sempre pacífica com Régio, a que se refere em termos críticos com a elevação habitual, aproveitando também para, à semelhança do que em vários outros ensaios fez, registar momentos da sua biografia – no caso, a ousadia de ir ao encontro do poeta para “procurar conhecer pessoalmente um escritor que muito admirava” (p.134), sendo de notar que a aproximação se acentua pelo elevado lugar que ambos atribuem a António Sérgio.

De muitos outros autores se acercou em toda a sua vida de crítico, ensaísta e professor David Mourão-Ferreira – basta que se refiram alguns daqueles que levou os seus alunos a ler, como Manuel Teixeira-Gomes, Aquilino Ribeiro, José Rodrigues Miguéis, Vitorino Nemésio, Sebastião da Gama e muitos outros poetas e ficcionistas de primeira plana, tratados todos *Sob o mesmo tecto* (título de 1989) a partir da sólida carta de marear traçada desde muito jovem, crescendo e alterando-se sem nunca deixar as suas raízes. A obra ensaística teve reconhecimento expresso em numerosos prémios de entre os mais relevantes atribuídos em Portugal (Prémio Jacinto do Prado Coelho, 1988; Grande Prémio de Ensaio Literário APE/PT, 1990; Prémio Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores, 1996, juntando-se aos muitos galardões que recebeu pela sua obra de poeta e de ficcionista). Estas distinções dão merecido e justíssimo destaque ao labor crítico deste autor; nessa senda se situa a homenagem póstuma da *Colóquio-Letras* (1997): refiram-se, além dos já mencionados, o artigo de Ernesto Rodrigues sobre “David verbetista”, e o de Vítor Aguiar e Silva, numa certíssima síntese de todo o trabalho ensaístico de David Mourão-Ferreira. Multimodo e sempre movente, o ensaísmo de David Mourão-Ferreira caracteriza-se por uma oficina regida pelo rigor, pelo amor da literatura e do seu aturado estudo, integrando e iluminando todas as faces de um polígono de notável abrangência e de suprema importância no panorama da crítica e da historiografia literária em Portugal. *Ócios do ofício* se intitula o volume de ensaios de 1989 – aqui se lê o brilho das assonâncias e a consciência de que a literatura tem *efeitos* sonoros e retóricos em que se alicerça o gosto, erguido pelo ofício, quer dizer, pela análise combinada com a síntese, pelo labor que nunca esmorece, se alarga e cresce sempre, contagiando quem lê e – permita-se o termo – quem o venera como um mestre.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia activa (obra crítica e ensaísta): *Presença da "Presença"*, Porto, Brasília Editora, 1977; *Alexandre Herculano e a valorização do património cultural português*, Lisboa, Ed. da Secretaria de Estado da Cultura, s.d. [1977]; *Lâmpadas no Escuro*, Lisboa, Arcádia, 1979; *O essencial sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987; *Marguerite Yourcenar: Retrato de Uma Voz*, Lisboa, Edições Rolim, 1988; *Nos passos de Pessoa*, Lisboa, Editorial Presença, 1988; *Os Ócios do Ofício*, Lisboa, Guimarães Editores, 1989; *Sob o Mesmo Tecto*, Lisboa, Editorial Presença, 198; *Tópicos Recuperados: Sobre a Crítica e Outros Ensaios*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992; *Terraço aberto* (antologia), Círculo de Leitores, 1992; *Elogio Académico de Vitorino Nemésio*, Academia das Ciências de Lisboa, 1992; *Evocação de Sebastião da Gama*, Lisboa, Ática, s/d (1993); *Magia Palavra Corpo*, Lisboa, Cotovia, 1993; *Em movimento*, Lisboa, Edição do Metropolitano de Lisboa, 1995.

Bibliografia passiva: *Colóquio/Letras*, nº 145-146 – *Infinito pessoal – Homenagem a David Mourão-Ferreira*, Lisboa, Fundação, Calouste Gulbenkian, Julho-Dezembro de 1997; Mourão-Ferreira, David, *Obra poética - 1948 - 1951*, organização, cronologia e notas de Luís Manuel Gaspar, com a colaboração de David Ferreira, introdução de Eduardo Prado Coelho, Lisboa, Assírio & Alvim, 2019; Marques, Teresa Martins, *Clave de sol – Chave de sombra: Memória e inquietude em David Mourão-Ferreira*, Lisboa, Âncora, 2016.

Paula Morão